

O BRICS E O CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA: UMA BREVE ANÁLISE CRÍTICO-HISTÓRICA DE SEUS CONFLITOS

Guilherme Aparecido da Silva Maia

Graduado em Direito, especialista em Inovação e Difusão de Tecnologias
mestre e doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional,
na linha de pesquisa sobre Proteção Jurídica do Conhecimento
(Propriedade Intelectual e Direitos de Autor),
Constitucionalismo e Administração Pública
Sua linha de trabalho envolve Gestão de Projetos, Empreendedorismo e Inovação,
Gestão Pública, Direito do Ambiente e Direito de Propriedade
Intelectual, tanto no ensino universitário, consultorias e treinamentos empresariais
Atualmente é docente da Estácio de Sá de Campo Grande, curso de Direito
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5192-5308>
e-mail: professorguilhermemaia@gmail.com

João Victor Correia Caputo

Graduado em Gestão Financeira (2018)
graduando em Direito (2022)
Técnico do Seguro Social (INSS)
Estácio de Sá de Campo Grande, curso de Direito

Recebido em: 11/10/2023

Aprovado em: 06/12/2023

RESUMO

O presente estudo, por meio de pesquisa bibliográfica e consultas a renomadas instituições internacionais, se dedicou a avaliar as tendências relacionadas aos impactos que o conflito entre a Rússia e a Ucrânia podem produzir sobre o BRICS, considerando o atual contexto geopolítico. Os dados geopolíticos registrados apontaram para uma crise financeira mundial evidenciada por altos índices de inflação em diversos países, como exemplo a maior alta de preços em mais de 70 anos em relação à Alemanha e 40 anos em relação aos EUA. Assim, considerando as análises discutidas e os resultados apresentados, o presente estudo destaca o BRICS como um grupo bastante ativo em relação ao desenvolvimento de seus integrantes, com prospecções que apontam tanto ao maior engajamento entre seus próprios membros quanto entre estes e outros países que transitam por suas zonas de influência, almejando expansão do Grupo. Além disso, o Grupo se revela como um ambiente bastante propício ao desenvolvimento da ideia de uma força econômica resultante da união de forças de países emergentes independentemente da influência hegemônica dos EUA, tendo em vista que, pelo menos, dois de seus maiores articuladores, Rússia e China, possuem interesses estratégicos na constituição da “Nova Ordem Mundial”, seja por questões relacionadas à segurança ou por questões de rivalidade econômica.

Palavras-chave: BRICS; guerra entre Rússia e Ucrânia; Rússia; Ucrânia; Guerra.

BRICS AND THE RUSSIAN-UKRAINIAN CONFLICT: A BRIEF CRITICAL-HISTORICAL ANALYSIS OF ITS CONFLICTS

ABSTRACT

The present study, through bibliographical research and consultations with renowned international institutions, was dedicated to assessing the trends related to the impacts that the conflict between Russia and Ukraine may produce on the BRICS, considering the current geopolitical context. The geopolitical data registered pointed to a global financial crisis evidenced by high inflation rates in several countries, as an example the highest price rise in more than 70 years in relation to Germany and 40 years in relation to the US. Thus, considering the analyses discussed and the results presented, this study highlights the BRICS as a very active group in relation to the development of its members, with prospects that point both to greater engagement among its own members and between these and other countries that pass through its zones of influence, aiming for the Group's expansion. In addition, the Group reveals itself as a very favorable environment for the development of the idea of an economic force resulting from the union of forces of emerging countries independent of the hegemonic influence of the U.S., given that at least two of its major articulators, Russia and China, have strategic interests in the constitution of the "New World Order", either for security-related issues or for issues of economic rivalry.

Keywords: BRICS; Russian-Ukrainian war; Russia; Ukraine; war.

1 INTRODUÇÃO

Para o ano de 2022, grandes expectativas se formaram no âmbito da Sociedade Internacional. O mundo começava a se recuperar das consequências político-econômicas de uma das maiores crises sociais já experimentadas pela humanidade - a pandemia da covid-19 - quando, em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia invadiu o território da Ucrânia, dando início a um dos maiores conflitos armados dos últimos anos. A invasão se deu sob justificativas por muitos consideradas contraditórias; não aceitas pela maioria dos países membros da Organização das Nações Unidas (ONU). Vladimir Putin alegou que a "Operação Especial" objetivava dissuadir o expansionismo da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) que se aproximava do entorno da Rússia, combater o suposto nazismo na Ucrânia e a proteção da população russófona no Leste da Ucrânia (Ferraro, 2022).

Os impactos do conflito, considerando o contexto geopolítico atual (multipolar), não se limitam somente à Rússia e à Ucrânia; influenciam o mundo inteiro, principalmente no que diz respeito aos aspectos econômicos. Com a invasão ao território ucraniano, os países se dividiram em três grupos, um composto por países apoiadores da Ucrânia, outro por apoiadores da Rússia e outro por países que se mantiveram neutros. Nesse sentido, levando em consideração que o grupo de apoio à Ucrânia é majoritário, diversas sanções econômicas se impuseram contra a Rússia, fazendo com que esta necessitasse se articular politicamente de forma muito intensa,

tanto pela expressão militar, quanto pelo aspecto econômico, tendo em vista os custos diretos e indiretos relacionados à guerra.

É exatamente nesse contexto que surge a reflexão sobre as tendências do BRICS - grupo informal de Estados composto, em 2022, por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - perante a nova ordem mundial que se formula para um futuro próximo, representada por um contexto em que muitos dos países não mais se relacionarão sob as determinações hegemônicas dos Estados Unidos da América ou do denominado “Ocidente”.

Nesse sentido, o presente artigo se propõe a avaliar e contextualizar os impactos geopolíticos da Guerra entre Rússia e Ucrânia sobre o BRICS. Para tanto, no Primeiro Capítulo, apresentam-se breves considerações históricas sobre o BRICS; no Segundo, considerações contextualizadas sobre o Conflito entre Rússia e Ucrânia; e, por fim, no Terceiro, apresentam-se considerações atuais e prospectivas sobre o BRICS, abordando aspectos de engajamento do Grupo pelas perspectivas políticas e econômicas, incluindo projetos de financiamento e de expansão.

Quanto à metodologia, o presente trabalho se materializa mediante pesquisa bibliográfica. Utilizando dados referentes a 2022 e 2023, realizaram-se consultas a renomadas instituições internacionais tais como Banco Mundial, Organização das Nações Unidas (ONU), Fundo Monetário Internacional (FMI), Agência Internacional de Energia (IEA) etc. O critério para a seleção dessas fontes se baseou em sua autoridade reconhecida e objetividade. Em termos práticos, priorizaram-se fontes que apresentassem dados brutos ou análises isentas de viés. Instituições governamentais oficiais e produções publicadas em periódicos científicos também foram consideradas.

Na análise dos dados coletados, foi dada atenção tanto a comparações com cenários geopolíticos históricos quanto à interpretação do cenário geopolítico atual e suas tendências. Em particular, o foco esteve no conflito entre Rússia e Ucrânia e seus impactos sobre o BRICS.

Ao consultar portais jornalísticos sobre o tema, a seleção das informações foi criteriosa, priorizando aquelas que não fossem consideradas sensíveis – ou seja, informações de difícil observação ou que poderiam ser distorcidas devido a interesses geopolíticos. Os dados foram, então, apurados e contextualizados com o objetivo de fundamentar as avaliações e considerações apresentadas no presente artigo.

2 BRICS - BREVES CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

BRICS é um acrônimo cujas letras representam os países constituintes de um grupo informal que, pela iniciativa do Presidente da Rússia (Vladimir Putin), começou a se reunir a partir de 20 de setembro de 2006 com o objetivo de oportunizar que os países convidados expressassem seus interesses em expandir uma cooperação multilateral (BRICS, 2022). Inicialmente participavam do grupo somente o Brasil, Rússia, China e a Índia, formando o “BRIC”. Em 2011, por ocasião da III Cúpula, a África do Sul passou a integrar o grupo, formando o atual BRICS.

Inicialmente, a expressão em referência aos países-membros foi utilizada em um relatório elaborado pelo economista-chefe da Goldman Sachs, Jim O’Neil, em estudo de 2001 (Building Better Global Economic BRICs). Os relatórios publicados pela Goldman Sachs apresentavam prognósticos sobre a evolução das economias de diversos países, dentre os quais constavam os BRICS. Os dados publicados chamaram a atenção pois o desempenho econômico prospectivo do BRICS se estimava como superior ao dos países-membros do G-7. Em relação a isso, Damico (2015) aponta que as previsões de 2001 foram inferiores ao que de fato aconteceu, pois, em 2001, esperava-se que em 2011 o BRICs somaria 14% do PIB mundial, porém, em 2011, a participação desses países no PIB mundial já foi superior a 18%.

O grupo possui uma participação de destaque na economia mundial. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA (2014), entre 2003 e 2007, o crescimento dos quatro países iniciais do grupo representou 65% da expansão do PIB mundial, de modo que, em 2014, em paridade de poder de compra, o bloco superou o PIB dos EUA ou o da União Europeia. Em números referentes a dezembro de 2021, o Banco Mundial apontou o PIB mundial na marca de US\$ 96,1 tri, sendo o PIB dos EUA de US\$ 22,9 tri; o da União Europeia de US\$ 17,09 tri e o do BRICS¹ de US\$ 24,7 tri, atingindo a marca de **25% do PIB mundial**. Além disso, a relevância desse grupo se evidencia, ainda mais, quando se observam os outros números que esses países, juntos, representam. Os quatro membros originais do BRICS correspondem a **26% do território** e a **mais de 40% da população mundial**, além de serem detentores de reservas de diferentes recursos naturais estratégicos e exercerem papéis importantes de protagonismo em suas regiões, incentivando integrações e cooperações com os vizinhos. (DAMICO, 2015)

Esses números tendem a aumentar, uma vez que, em 2023, o grupo se expandiu (situação que será abordada mais adiante). De acordo com o Governo Federal do Brasil²,

¹ PIB do Brasil, US\$ 1,6 tri; da Rússia, US\$ 1,7 tri; da China, US\$ 17,7 tri; da Índia, US\$ 3,1 tri; da África do Sul, US\$ 420 bi. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/country-list/gdp?continent=world>. Acesso em: 19 dez. 2022.

² Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/08/em-declaracao-conjunta-lideres-do-brics-anunciam-a-entrada-de-seis-novos-paises>

estima-se que, com a expansão, a ser efetivada a partir de janeiro de 2024, o BRICS passará a representar cerca de **46% da população mundial e quase 36% do PIB global**.

Em 2014, por ocasião da VI Cúpula, um novo passo foi dado no escopo das cooperações, pois foi criado o “Novo Banco de Desenvolvimento (NDB)” com o objetivo de mobilizar recursos para projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável nos países do BRICS e em outros países em desenvolvimento. O NBD foi fundado com capital autorizado de US\$ 100 bilhões e capital inicial de US\$ 50 bilhões, com contribuições distribuídas igualmente entre os cinco membros fundadores (US\$ 10 bilhões cada).

Além da questão financeira, o BRICS se articulou de forma muito importante em diversos assuntos como a segurança internacional, já que dois países do BRICS são membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, desenvolvimento sustentável, comércio e direitos humanos, o que reforça a ideia de um grupo relevante, engajado e comprometido com as agendas geopolíticas mais importantes.

No entanto, a grande novidade acerca do grupo diz respeito à sua recente expansão em 2023, a qual, cogitada desde 2017 pela China, por ocasião da 15ª cúpula (2023), enquanto outros países manifestaram interesse, adicionou ao grupo países estratégicos: Arábia Saudita, Argentina, Egito, Etiópia, Irã e Emirados Árabes Unidos. É o BRICS Plus. Essa expansão, conforme se verá adiante, neste artigo, potencializa a atuação global do Grupo, abrangendo regiões essenciais na Ásia, África e América Latina. Entretanto, vale a ressalva de que um bloco mais diverso pode ter agendas divergentes, o que ressalta a necessidade de fortalecer sua coesão interna.

Por fim, o BRICS tem demonstrado, desde sua concepção, um potencial significativo no cenário geopolítico e econômico global. Sua história, marcada por expansões estratégicas e compromissos multifacetados, é um testemunho do crescente protagonismo dos países emergentes no palco mundial. Com a recente inclusão de novos membros em 2023, o grupo se consolida não apenas como um bloco de força, mas também como uma coalizão geopolítica de relevância inegável. No entanto, como qualquer aliança diversificada, o desafio que se coloca à frente é a manutenção de uma agenda unificada, garantindo que suas ações sejam coesas e alinhadas aos objetivos comuns. A trajetória do BRICS, até o momento, sinaliza para uma era de maior colaboração e entendimento entre nações, com possíveis repercussões positivas para a ordem global.

3 O CONFLITO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA E A RESPOSTA OCIDENTAL

Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia deu início a uma “Operação Especial” compreendida pela invasão ao território da Ucrânia, em larga escala, ultrapassando a fronteira da Ucrânia em diferentes pontos, sob a provável expectativa de dominar a capital (Kiev) em poucos dias, possivelmente com o intuito de destituir o governo Zelensky. As justificativas da invasão são, por muitos, consideradas contraditórias e não são aceitas pela maioria dos países membros da ONU. Vladimir Putin justificou que a “Operação Especial” se fez necessária por questões estratégicas objetivando dissuadir o expansionismo da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que se aproximava do entorno da Rússia, combater o suposto nazismo na Ucrânia e a proteção da população russófona no Leste da Ucrânia (Ferraro, 2022).

Em razão da invasão, o Conselho de Segurança da ONU (UNSC), em 27 de fevereiro de 2022, se articulou para discutir o caso³ e, pelo fato de a Federação Russa ser membro permanente do UNSC e possuir poder de veto, na ocasião não se chegou a uma definição capaz de pôr fim à invasão, motivo pelo qual se convocou a Assembleia Geral em caráter de emergência. Dos 15 membros do UNSC, 11 votaram a favor da convocação da Assembleia Geral, 3 se abstiveram (Índia, China e Emirados Árabes Unidos) e somente a Rússia se manifestou contra. Cabe mencionar que, neste primeiro momento, já foi possível perceber que parte dos membros do BRICS (China e Índia) não se opuseram à Rússia na primeira oportunidade.

Na reunião da Assembleia Geral, 193 estados-membros da ONU se manifestaram a respeito da condenação da invasão russa na Ucrânia, 141 votaram a favor da condenação, 35 se abstiveram e, apenas, 5 votaram contra⁴. Os 5 países que votaram contra foram: Bielorrússia, Coreia do Norte, Eritreia, Rússia e Síria (General Assembly of United Nations, 2022).

Em relação aos países membros do BRICS, no que diz respeito à votação à condenação da invasão, o Brasil foi o único que votou a favor da condenação, de modo que a Rússia votou contra e os demais membros (África do Sul, China e Índia) se abstiveram. Cabe ressaltar, mais uma vez, que os membros do BRICS, em sua maioria, se mantiveram neutros em relação à invasão, o que de certa forma representou à Rússia uma abertura para maiores aproximações com esses países.

A partir desse momento, o mundo se repartiu politicamente. A maioria dos países que se posicionaram ao lado da Ucrânia no conflito (o Ocidente) se articularam à aplicação de um conjunto de sanções econômicas sobre a Rússia com o intuito de desencorajá-la a continuar a

³ Draft resolution [on convening an emergency special session of the General Assembly on Ukraine] - S/2022/160. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3958808?ln=en>. Acesso em: 11 dez. 2022.

⁴ Aggression against Ukraine : resolution / adopted by the General Assembly. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3959039?ln=en>. Acesso em: 11 dez. 2022.

invasão. Cabe mencionar que, desde 2014, quando a Rússia anexou a Crimeia ao seu território, sanções econômicas já vinham lhe sendo aplicadas, mas estas não são tão expressivas quando comparadas com as sanções aplicadas após a invasão de fevereiro de 2022.

Por conta das sanções ou como sanções propriamente consideradas, várias empresas encerraram suas atividades na Rússia tais como Visa, MasterCard, Adidas, Nike, McDonald's, Apple, Shell, Coca-cola entre outras. Além disso a Rússia foi bloqueada no sistema "SWIFT", o que a impactou em relação a suas transações internacionais, prejudicando o setor de exportação de uma de suas principais fontes de receita - petróleo e gás. Sobre esse assunto, uma análise realizada em julho de 2022, por pesquisadores da universidade de Yale, aponta que os impactos à Rússia em razão das sanções tendem a produzir efeitos em curto e médio prazo. Os autores apontaram que

a estratégia russa de se manter como um exportador de commodities fracassou irrevogavelmente em decorrência da perda dos principais mercados colocando-a numa posição de fraqueza frente ao mercado internacional. Em razão disso a Rússia enfrenta desafios referentes a exportações de não fungíveis à Ásia, principalmente no que diz respeito ao gás canalizado (*piped gas*) (Sonnenfeld, 2022, p. 3)⁵.

Nesse contexto, vale frisar que, ainda de acordo com os pesquisadores de Yale, o peso das sanções não recaiu somente sobre as exportações, pois as importações russas também colapsaram no primeiro semestre de 2022. O País enfrentou dificuldades para garantir insumos, peças e tecnologias essenciais de seus parceiros comerciais hesitantes, acarretando uma escassez generalizada de suprimentos em sua economia doméstica⁶. Além disso, a produção doméstica decaiu pela dificuldade encontrada para substituir negócios, produtos e talentos perdidos, sendo impactada por uma queda na produção e inovação, o que levou à alta dos preços e à angústia do consumidor (Sonnenfeld, 2022, p. 4)⁷.

O País perdeu empresas que representavam cerca de 40% de seu PIB ocasionando uma reversão de quase todas as três décadas de investimento estrangeiro, uma fuga de capitais e um êxodo populacional sem precedentes⁸. O presidente russo recorreu a intervenções fiscais e

⁵ Cf. SONNENFELD, 2022, p. 10-36, a seção traz uma análise completa das exportações Russas incluindo gráficos explicativos. Os dados mostram declínio da exportação de diversas commodities, além do petróleo e do gás.

⁶ Cf. op cit. p. 37-43. Os dados mostram assimetria entre as relações comerciais da Rússia e da China, por exemplo, mostrando que o país asiático é muito mais importante para a Rússia do que o contrário. Os gráficos também mostram queda significativa das importações meses após a invasão ao território ucraniano.

⁷ Cf. op cit. p. 43-53. Os dados mostram aumento de 20% de inflação sobre o índice de preços do consumidor meses após a invasão à Ucrânia, registrando o maior nível desde a crise financeira do final da década de 1990. Setores dependentes de cadeias de suprimentos internacionais alcançam cerca de 40-60% de inflação. Os gráficos também mostram a queda no varejo e no consumo na economia Russa.

⁸ Cf. op. cit. p. 53-57. Os dados mostram cerca de 40% do PIB Russo em situação de risco frente a retração nos negócios, mostra também que metade dos Russos que fugiram do país eram trabalhadores da área de tecnologia e portadores de nível superior.

monetárias insustentáveis e dramáticas numa tentativa de suavizar as fraquezas econômicas estruturais levando o orçamento governamental, apesar dos altos preços de energia, a um déficit expressivo, além de drenar as reservas de moeda estrangeira do país. (Sonnenfeld, 2022, p. 4)⁹.

Por fim, a pesquisa de Yale apontou que os mercados financeiros domésticos russos, considerando as condições atuais e perspectivas futuras, prospectaram o pior desempenho em todo o mundo, em 2022. Mesmo com seus rígidos controles de capital, os problemas apontam uma fraqueza persistente na economia em liquidez e contração de crédito; o problema se agrava na medida em que o país é isolado dos mercados financeiros internacionais, tendo sua capacidade de revitalização prejudicada (Sonnenfeld, 2022, p. 4)¹⁰.

Para complementar a perspectiva sobre as ações internacionais em resposta à invasão russa, é relevante mencionar a abordagem adotada pela União Europeia, suportada pelos EUA e Reino Unido. De acordo com o Conselho Europeu (2023), visando conter as ações russas, a UE adotou uma estratégia multifacetada, em 2022. O Bloco não apenas implementou sanções severas contra a Rússia e a Bielorrússia, como também ofereceu suporte financeiro e militar à Ucrânia. Conforme mencionado anteriormente, diferentes medidas que abrangem desde a exclusão de bancos russos do sistema SWIFT e o fechamento do espaço aéreo da UE para aviões russos, até o estabelecimento de novas regras para a preservação de provas de crimes de guerra foram tomadas; medidas que visaram tanto a persecução internacional de oficiais russos quanto a mitigação dos impactos sociais e econômicos da crise.

Conforme a crise se estendeu até 2023, a UE continuou a intensificar suas ações contra a Rússia, prorrogando e aprimorando sanções econômicas que, até 23/06/2023, totalizam 11 pacotes e afetam setores específicos e indivíduos associados ao governo russo. Segundo Josep Borrell (2023)¹¹, alto representante da UE, as sanções visam aumentar a pressão sobre a Rússia e contornar suas medidas evasivas. A UE fortaleceu alianças internacionais e proibiu o trânsito de bens militares pelo território russo. Adicionou 87 entidades à lista de sanções e aplicou medidas rigorosas contra meios de comunicação russos. Restrições também foram impostas ao setor de transporte russo e ao fornecimento de petróleo à Alemanha e à Polônia. A UE harmonizou as penalidades entre seus Estados membros para torná-las mais dissuasivas, reforçando seu compromisso em isolar a Rússia e apoiar a Ucrânia.

⁹ Cf. op. cit. p. 57-64. Dados sobre o declínio de reservas estrangeiras. Gráficos e tabelas mostram a tentativa do Kremlin de inundar a economia do país com liquidez artificial através de estímulos fiscais insustentáveis numa tentativa de mascarar a fraqueza econômica.

¹⁰ Cf. op. cit. p. 64-68. Os Gráficos mostram os efeitos drásticos sobre o mercado financeiro Russo apontando problemas estruturais de longo prazo.

¹¹ Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2023/06/23/russia-s-war-of-aggression-against-ukraine-eu-adopts-11th-package-of-economic-and-individual-sanctions/>. Acesso em: 17 set. 2023, às 14h42min.

Contudo, apesar das grandes tribulações, há quem diga que o resultado econômico da Rússia desde o início da invasão não foi tão catastrófico quanto se imaginava que seria, pois países como Alemanha, França, Itália etc., ansiosos por desenvolvimento industrial e carentes de energia, são, em certa medida, dependentes do petróleo e gás natural russo, o que impede que as aplicações das sanções se concretizem de forma mais efetiva. Em outras palavras, sancionar a Rússia representa também uma forma de sanção contra si, pois ao mesmo tempo em que não se pode comprar energia da Rússia, o país que dela depende também sofre por não ter a energia a sua disposição, o que gera uma reação em cadeia prejudicando a todos.

Sobre esse assunto, segundo dados da Agência Internacional de Energia (IEA), quase a metade do suprimento energético da Alemanha é garantido pelo carvão e gás natural¹². Segundo o *The New York Times*¹³, no ano de 2021, mais da metade do gás natural e quase um terço de todo o petróleo consumido pela Alemanha na manutenção do aquecimento de residências, alimentação de fabricas, abastecimento de automóveis, bem como quase metade das importações alemãs de carvão utilizadas na indústria siderúrgica do país, veio da Rússia. Isso porque o primeiro gasoduto que conectava a Alemanha ocidental com a Sibéria, construído no início dos anos 80, permanece conectado até hoje, o que explica a dificuldade na obtenção de petróleo de outros exportadores naquela região. Essa realidade dificulta que a Alemanha sancione a Rússia de forma mais incisiva.

Essa vantagem econômica que ameniza os impactos das sanções sobre a Rússia se sustenta pelo fato de o país possuir milhares de quilômetros de gasodutos e tanques de armazenamento mantidos por subsidiárias da Gazprom (estatal russa no setor de energia). É o caso, por exemplo, da Astora, a qual mantém o maior tanque subterrâneo de armazenamento de gás natural da Europa Ocidental. Dentre os países europeus que mais necessitam de fontes energéticas russas, além da Alemanha, segundo a IEA, estão a Itália¹⁴ e a França¹⁵; esta com cerca de 10.000.000 TJ (terajoules) de sua matriz energética composta por gás e carvão e aquela com mais da metade.

Nesse sentido, ainda sobre as sanções, os números apontam que a Rússia se movimentou à exploração de um novo mercado a partir de negociações com outros países do eixo asiático, como a Coreia do Sul (boa parte das importações em petróleo), Japão (boa parte das

¹² Disponível em: <https://www.iea.org/countries/germany>

¹³ Disponível em: Tradução em português do artigo do *The New York Times* pelo Estadão de São Paulo: URL = <https://www.estadao.com.br/internacional/dependencia-energetica-alema-favorece-a-russia-leia-cenario/>

¹⁴ Disponível em: <https://www.iea.org/countries/italy>

¹⁵ Disponível em: <https://www.iea.org/countries/france>

importações são de gás e carvão) e Taiwan¹⁶. Além disso, a Rússia continua com crescimento de sua produção de petróleo bruto, ao passo que a demanda pelos seus suprimentos energéticos se mantém estável¹⁷.

Nesse contexto complexo de interdependência energética e sanções geopolíticas, a ascensão da Índia (um dos países membros do BRICS) como um dos principais compradores de petróleo russo oferece uma nova dimensão à dinâmica global. De acordo com o artigo publicado pela BBC News¹⁸, em maio de 2023, a Índia, que anteriormente importava apenas 2% de seu petróleo bruto da Rússia, agora vê esse número saltar para quase 20%, superando até mesmo a China em compras marítimas. Esse aumento não apenas atenua o impacto das sanções ocidentais sobre a economia russa, mas também levanta questões críticas sobre a eficácia dessas sanções em isolar a Rússia no cenário mundial. A Índia justifica suas ações citando a necessidade de adquirir petróleo onde é mais barato, uma lógica que pode ser aplicada por outros países em desenvolvimento que buscam segurança energética e crescimento econômico. Além disso, a diversificação das fontes de petróleo pela Índia e outros países asiáticos, como Turquia e Paquistão, sugere uma mudança tectônica em direção a uma ordem energética mais multipolar, em que a Rússia pode encontrar novos mercados e, assim, mitigar os efeitos das sanções. Esse cenário ressalta a complexidade e as limitações das estratégias de sanção, especialmente quando confrontadas com imperativos econômicos que transcendem fronteiras geopolíticas.

Por fim, diante da evidência da questão energética como uma grande arma da qual a Rússia se serve no contexto conflituoso, tendo em vista que dispõe de energia enquanto outros países muito relevantes no contexto internacional dela necessitam, é notável, também, a tendência de aproximação de países como a China e a Índia que a Rússia busca intensificar relações comerciais com os países que transitam por sua zona de influência; é o caso dos países integrantes do BRICS.

4 CONSIDERAÇÕES ATUAIS E PROSPECTIVAS SOBRE O BRICS

Os efeitos econômicos do conflito entre a Rússia e a Ucrânia repercutiram no mundo inteiro. De acordo com informações do Banco Mundial, a inflação dos membros do G20, considerando dados de setembro a novembro de 2022, atingiu a média de 13,78%. Da análise

¹⁶ Para mais detalhes a esse respeito confira a matéria a seguir: URL: <https://www.offshore-technology.com/features/before-and-after-how-the-ukraine-crisis-has-affected-russian-oil/>

¹⁷ *idem*

¹⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-india-60783874>. Acesso em: 17 set. 2023.

dos dados, se destacaram as inflações da Argentina (92,4%), Turquia (84,39%), Alemanha (10%), EUA (7,1%), Reino Unido (10,7%), Zona do Euro (10,1%), entre outros. Segundo a Deutsche Welle Brasil (2022), a inflação da Alemanha, com a alta dos preços de energia, atingiu a maior inflação em mais de 70 anos, ao passo que a dos EUA atingiu a maior alta em 40; números que revelam que a Guerra, em um contexto “pós” pandemia da covid-19, afetou fortemente a economia mundial de uma forma histórica.

Parte desse resultado decorreu da crise energética causada com a resposta Ocidental à Guerra. No entanto, ao observarmos os dados mais recentes, de julho a agosto de 2023, percebe-se uma tendência de desaceleração da inflação em muitos dos países mencionados, com exceção da Argentina, que vivencia um aumento 124% em decorrência de questões internas. A Turquia, por exemplo, apresentou uma queda significativa, passando de 84,39% para 59,94%, enquanto países como Alemanha, EUA, Reino Unido e a Zona do Euro mostraram uma recuperação importante, com taxas de inflação reduzidas para 6,1%, 3,7%, 6,8% e 5,3%, respectivamente. Essa desaceleração pode ser interpretada como um sinal de adaptação e resiliência das economias globais, que começam a encontrar formas de mitigar os impactos do conflito e da crise energética. Ainda assim, é inegável que as repercussões da guerra continuam a influenciar a dinâmica econômica global, preparando o terreno para as mudanças geopolíticas que se desenham no horizonte.

Conforme apontado anteriormente, a Rússia dispõe de bastante energia e, por isso, representa uma peça-chave à engrenagem mundial, sobretudo aos países mais próximos geograficamente, como os situados na Europa Ocidental. Nesse sentido, levando em consideração a ênfase deste estudo (BRICS), é mister destacar a tendência de maior engajamento do grupo em decorrência do Conflito, sobretudo no que diz respeito à Rússia e à China.

Em razão das fortes sanções econômicas sobre a Rússia, Vladimir Putin, que foi o maior articulador à época da criação do BRICS, anseia por apoio internacional, motivo pelo qual o Grupo se emerge como um essencial ponto de apoio. Talvez não de forma direta, mediante financiamentos nesse período conflituoso, mas, sim, de forma indireta. Trata-se da busca da Rússia pelo estabelecimento da “Nova Ordem Mundial” a seu favor, compreendida como uma estrutura de relações internacionais independente da influência hegemônica dos EUA ou do “Ocidente”, com maior destaque aos países denominados “emergentes”.

No caso do Brasil, a recente eleição do presidente Lula pode representar uma maior aproximação de China e Rússia, devido ao viés político do presidente eleito de se aproximar mais desses países. Segundo Baldez (2022), via Sputnik Brasil, o presidente eleito deve se

aproximar mais ainda do bloco como um todo, nas palavras do Professor do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Luis Fernandes:

É uma presidência que tende a valorizar os processos de multipolarização que estão em curso no mundo, destacando a importância do BRICS, dos grandes países em desenvolvimento no mundo com uma agenda reformista da ordem mundial, com uma crítica do domínio das antigas potências dominantes do sistema internacional no século XX.

Um exemplo desse apoio indireto fornecido à Rússia pôde ser observado na Índia, durante a Cúpula do G20 (set/2023), pela declaração do Presidente do Brasil - Luiz Inácio Lula da Silva – à imprensa quando afirmou que Putin, condenado pelo Tribunal Penal Internacional pela sua atuação na invasão ao território ucraniano, não seria preso se viesse ao Brasil na próxima reunião do G20 em 2024. No entanto, posteriormente à repercussão geopolítica e midiática dessa declaração, o Presidente do Brasil recuou na afirmação, dizendo que a decisão caberia à Justiça brasileira e não ao governo ou ao Congresso. Além disso, a indicação pelo Lula da ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff, para o encargo de presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), também conhecido como “Banco do BRICS”, reforça a ideia de integração em função dos interesses convergentes do grupo.

Assim, por suas características, o BRICS se revela como um ambiente bastante propício para o desenvolvimento da ideia de dar voz aos países em desenvolvimento, ao mesmo tempo em que se engaja à estratégia da Rússia que, em curto prazo, objetiva contornar as sanções que lhe foram aplicadas e, em longo prazo, intensificar as relações com os países que transitam por sua zona de influência construindo uma força efetiva de oposição ao Ocidente.

4.1 A China, a 14ª Cúpula Anual do BRICS e a expectativa de expansão

Avaliando o contexto geopolítico atual, ao falar em BRICS é indispensável discorrer sobre a China, tendo em vista que possui um papel de grande destaque no Grupo, pois, com o PIB atingindo a marca de US\$ 17,7 tri (equivalente a 18% do PIB mundial) em 2022, é o país com maior volume de capital e, conseqüentemente, com maior poder de barganha. Além disso, em junho de 2022, o País assumiu a presidência do grupo, reafirmando seu destaque.

Ocorre que, em razão da Guerra e da Crise por ela introduzida, além de complicações ainda com a pandemia da covid-19, a China se encontrou prejudicada, experimentando uma desaceleração de crescimento econômico. De acordo com dados do Trading Economics, nos

últimos 10 anos, considerando o período anterior à pandemia da covid-19, o crescimento médio do PIB da China, por vezes, superava a marca de 5% ao ano, e, agora, por conta da Guerra e ainda por questões relacionadas à pandemia da covid-19, apresenta tendência de queda.

Em 23 e 24 de junho de 2022, o Bloco se reuniu de forma virtual para a 14ª Cúpula Anual do BRICS. Durante o encontro, o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, sustentou que os países do bloco econômico devem defender uma reforma do Sistema das Nações Unidas, do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). Para o presidente brasileiro, as economias emergentes devem ter representação condizente com seu peso econômico.

Sobre o conflito, assumindo a presidência do BRICS em 2022, o líder chinês, Xi Jinping, em discurso em Pequim, embora tenha decidido por manter a neutralidade do Grupo em relação à Guerra, registrou sua crítica sobre a questão:

Nos mostra que a fé cega na chamada 'posição de força' e as tentativas de ampliar as alianças militares e buscar a própria segurança sem se preocupar com os demais só levará a um novo dilema de segurança.

A Cúpula Anual foi o primeiro fórum internacional onde o presidente da Rússia, Vladimir Putin, participou desde o início do conflito armado com a Ucrânia. O líder Russo defendeu a criação de mecanismos alternativos para o intercâmbio comercial, independente do dólar, fundamentando-se principalmente no fato de a Rússia e a China terem atingido em 2021 a maior cifra de reservas em ouro.

Dentre as movimentações do BRICS na Cúpula Anual, o presidente da China, Xi Jinping, anunciou a criação de um fundo no valor de US\$ 4 bilhões para a cooperação sul-sul, com um discurso que apontava à redução da pobreza, à resposta à covid-19 com o desenvolvimento de vacinas, ao combate à insegurança alimentar, às mudanças climáticas e ao “crescimento verde”, à industrialização, à economia digital e conectividade. Além disso, investimentos para o combate à pobreza também foram objeto do discurso do presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, e do premiê indiano, Narendra Modi.

Não por acaso, outros países emergentes desejavam integrar o Bloco, entretanto os países integrantes ainda discutiam, na ocasião da 14ª Cúpula, os critérios de admissão de novos membros. Argentina, México, Irã e Nigéria já haviam manifestado interesse de adesão ao BRICS, porém aguardavam a deliberação dos atuais integrantes para admissão. Jin Hongjun, encarregado de negócios na China, disse:

Nos 18 anos de formação, o BRICS manteve sua disposição de crescimento baseado no pragmatismo. O Brics não é um grupo fechado, mas sim uma grande família solidária, aberta a novos sócios

A expansão do bloco parecia ser inevitável. Além de Argentina e Irã terem requerido a entrada no bloco, Arábia Saudita, Egito e Turquia também manifestaram interesse. De fato, a Argentina é o segundo maior país da América do Sul tendo um índice de desenvolvimento humano bastante expressivo e um PIB de US\$ 487 bi com renda per capita maior do que a dos membros do BRICS.

O Irã, por sua vez, possui um produto interno bruto de US\$ 232 bi, com renda per capita de US\$ 5.345, ou seja, a menor dentre os países citados. Embora os números não se expressem, estes não devem ser isoladamente considerados, pois a relevância deste país está em sua posição geográfica estratégica, tendo em vista que se situa bem ao centro do que se conhece por Oriente Médio.

Nesse sentido, diante da grandiosidade do Grupo, a China capitaneia um projeto de expansão denominado de iniciativa do BRICS Plus, introduzida em 2017. Em 2022, na China, foi a primeira vez em que líderes externos foram convidados a participar (Vazquez, 2022) com o objetivo de, nas palavras de Lukin Xuesong (2019)

fortalecer o diálogo e a cooperação entre o BRICS e outros mercados emergentes e países em desenvolvimento, facilitar a criação de relações de parceria mais amplas e estimular o desenvolvimento conjunto e a prosperidade em formatos mais amplos.

Assim, conforme veremos adiante, a ideia de expansão BRICS Plus é apresentar uma plataforma que possibilite aos demais países emergentes o aumento de sua representatividade na governança global em consonância com os interesses econômicos e geopolíticos do governo chinês, ainda que não estejam formalmente engajados no BRICS.

4.2 A 15ª Cúpula Anual do BRICS e a expansão do grupo

A 15ª Cúpula Anual do BRICS, realizada em Joanesburgo, África do Sul, de 22 a 24 de agosto de 2023, marcou um momento decisivo para o grupo de economias emergentes composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. O evento teve como foco principal aprofundar as relações com a África e ampliar a representatividade dos países do Sul Global em instituições internacionais.

O Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, e seu Assessor Especial para Assuntos Internacionais, Celso Amorim¹⁹, ressaltaram a importância crescente do BRICS no cenário global. Ambos enfatizaram que o grupo não só contribui significativamente para o Produto Interno Bruto (PIB) global, mas também tem o potencial de romper com a tradicional polarização entre Estados Unidos e China, abrindo espaço para uma pluralidade de atores influentes no palco internacional.

Nesse contexto, um dos temas mais debatidos foi a criação de um sistema de pagamentos comum para facilitar transações comerciais e investimentos entre os membros. Além disso, a questão da desdolarização foi abordada, com ênfase na criação de um sistema próprio de pagamentos que não substitua as moedas nacionais. Tanto Putin quanto Lula destacaram a necessidade de estudos para avaliar a viabilidade de uma moeda comum, um processo que pode ser complexo e demorado, mas que pela perspectiva dos idealizadores tende a ser benéfica aos membros do grupo. Essas iniciativas são de grande interesse para a Rússia, que vê nelas uma oportunidade de mitigar os efeitos das sanções econômicas que vêm sofrendo pelo ocidente, especialmente após a exclusão de seus bancos do sistema SWIFT.

A cúpula também foi palco para discussões sobre a reforma da governança global. Os líderes do BRICS reforçaram a demanda por maior representatividade para os países do Sul Global em instituições como as Nações Unidas. Nesse sentido, o presidente chinês, Xi Jinping, e o presidente Lula esclareceram que o objetivo do grupo não é se opor a blocos como o G7 ou G20, mas, sim, buscar mais relevância para os países em desenvolvimento.

Lula²⁰ aproveitou a ocasião para abordar temas globais críticos, como a necessidade de um sistema financeiro internacional mais justo, a ineficácia das instituições multilaterais, como o Conselho de Segurança da ONU, e abordou a complexa questão da guerra entre Rússia e Ucrânia. Lula enfatizou a necessidade de uma solução de paz duradoura e justa, destacando o papel crucial que os países do BRICS e outras nações podem desempenhar na mediação do conflito. Assim disse o presidente

Não subestimamos as dificuldades para alcançar a paz. Tampouco podemos ficar indiferentes às mortes e à destruição que aumentam a cada dia. Estamos prontos a nos juntar a um esforço que possa efetivamente contribuir para um pronto cessar-fogo e uma paz justa e duradoura. Todos sofrem as consequências da guerra. As populações mais vulneráveis nos países em desenvolvimento são atingidas desproporcionalmente

¹⁹ Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/08/para-amorim-amplo-interesse-na-reuniao-do-brics-e-sinal-de-201cafirmacao-global201d-do-bloco>. Acesso em: 17 set. 2023.

²⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/08/em-discurso-no-brics-lula-defende-solucao-para-guerra-na-ucrania-e-cobra-modernizacao-de-instituicoes-multilaterais>. Acesso em: 17 set. 2023.

O presidente brasileiro destacou, ainda, que a guerra afeta não apenas Rússia e Ucrânia, mas também populações vulneráveis em países em desenvolvimento. Seu discurso ressaltou a interligação entre conflitos armados, instituições globais e desenvolvimento, apontando para a necessidade de uma abordagem integrada e cooperativa. Lula citou que os gastos militares globais superam 2 trilhões de dólares por ano, enquanto milhões sofrem de fome. Ele enfatizou a relevância de pautas como desenvolvimento sustentável e combate às mudanças climáticas, afirmando que o Brasil está retomando seu papel de liderança nessas questões.

Por fim, um marco histórico da cúpula foi o anúncio da inclusão de seis novos países: Arábia Saudita, Argentina, Egito, Etiópia, Irã e Emirados Árabes Unidos. Com essa expansão, efetiva a partir de janeiro de 2024, o BRICS passará a representar cerca de 46% da população mundial e quase 36% do PIB global. A adesão foi formalizada na Declaração de Joanesburgo, reforçando o compromisso do grupo com uma ordem mundial mais justa.

Sobre a expansão do grupo, William Daldegan (2023) apontou incertezas e desafios ao grupo, destacando a complexidade da inclusão de países com características tão diversas. A negociação para essa expansão foi marcada por pressões, especialmente da China, que defendia uma abertura mais ampla, enquanto Brasil e Índia buscavam uma postura mais assertiva em relação a reformas na ONU. A expansão, embora represente um fortalecimento do BRICS no cenário internacional, traz questionamentos sobre sua coesão e institucionalização. A falta de uma estrutura formal para a seleção de novos membros pode gerar constrangimentos diplomáticos, especialmente considerando o alto interesse demonstrado por diversos países em aderir ao grupo. Além disso, a entrada de países como Arábia Saudita e Irã, com contextos políticos e econômicos distintos, adiciona uma nova dimensão de influência ao BRICS, especialmente no que diz respeito à competição por recursos energéticos. Daldegan ressalta que, apesar dos desafios, a expansão reflete um interesse compartilhado entre os membros em organizar o Sul Global e defender agendas importantes para os países em desenvolvimento. No entanto, o futuro do BRICS e sua capacidade de traduzir seu peso político em ações concretas permanecem incertos, e serão temas de profundo interesse para o mercado e a academia nos próximos anos.

Por fim, diante de todo o exposto, a 15ª Cúpula do BRICS em Joanesburgo revelou, sem dúvida, o comprometimento do grupo em redefinir as dinâmicas globais e reafirmar sua influência no cenário internacional. A ênfase no aprofundamento das relações com a África e a inclusão de novos países evidenciam uma visão estratégica de ampliar a representatividade e potência do bloco. As deliberações sobre um sistema de pagamentos comum e a potencial desdolarização destacam o ímpeto de maior autonomia econômica e interdependência entre os

membros. A abordagem firme do presidente Lula sobre questões mundiais críticas e sua ênfase na cooperação global ressaltam a relevância da diplomacia e do diálogo na resolução de conflitos e na promoção do desenvolvimento sustentável. Com sua expansão, apesar dos desafios apontados, o BRICS não apenas cresce em número, mas também em visão, vislumbrando um mundo onde as economias emergentes não só participam, mas moldam ativamente a ordem global.

5 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O “NOVO” BANCO DE DESENVOLVIMENTO (NDB) E SEUS RECENTES FINANCIAMENTOS²¹

Conforme apontado anteriormente, em 2014, por ocasião da VI Cúpula, foi criado o “Novo Banco de Desenvolvimento (NDB)” com o objetivo de mobilizar recursos para projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável nos países do BRICS e em outros países em desenvolvimento. Conhecido como o “banco do BRICS”, o NDB tem desempenhado um papel significativo no financiamento de projetos na América Latina e em outras regiões. Essa missão foi reforçada durante a 15ª Cúpula Anual do BRICS em Joanesburgo, em 2023, onde a ênfase foi colocada no aprofundamento das relações com a África e na ampliação da representatividade dos países do Sul Global em instituições internacionais.

Em 2022, o NDB aprovou dois projetos significativos na América Latina, totalizando um financiamento de US\$ 140 milhões. O primeiro projeto, com um financiamento de US\$ 50 milhões, foi destinado ao Fundo Financeiro de Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA), com o propósito de aprimorar a infraestrutura em municípios de grande e médio porte, assim como em estados brasileiros. Esse foco abrange melhorias em áreas como água e saneamento, habitação social, transporte, turismo e infraestrutura urbana. O segundo projeto, com um financiamento de US\$ 90 milhões, foi concedido ao Estado de São Paulo, visando apoiar projetos sustentáveis tanto nos setores público como privado. Isso inclui iniciativas relacionadas ao desenvolvimento urbano sustentável, energia e irrigação limpa, gestão de recursos hídricos e saneamento.

Além desses exemplos, em 2022, para o ano de 2023, a Secretaria do Tesouro Nacional aprovou a captação de US\$ 200 milhões do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) com o NDB. Essa quantia será direcionada para a agenda do Desenvolvimento Sustentável, com a finalidade de financiar projetos abrangentes em transporte, mobilidade

²¹ New Development Bank.

urbana, saneamento básico, fontes de energia renovável, eficiência energética, iniciativas de alto impacto, agricultura sustentável, saúde e bem-estar nas cidades de Minas Gerais.

Além disso, em uma decisão recente, o Senado brasileiro aprovou uma operação de crédito de até US\$ 1 bilhão com o NDB²². Esse financiamento tem como objetivo apoiar o Programa Emergencial de Acesso a Crédito (FGI), executado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O programa foi criado para facilitar o acesso ao crédito e preservar agentes econômicos impactados pela pandemia da covid-19, protegendo empregos e renda.

Nesse contexto, conforme mencionado na seção anterior, a 15ª Cúpula do BRICS trouxe à tona discussões sobre a criação de um sistema de pagamentos comum e a desdolarização, com líderes como Putin e Lula destacando a necessidade de avaliar a viabilidade de uma moeda comum. Essas proposições evidenciam o NDB como um instituição que almeja maiores responsabilidades e tem demonstrado seu compromisso em apoiar o desenvolvimento sustentável em várias regiões, incluindo o Brasil. Mesmo com desafios globais, como a guerra que resultou na suspensão de financiamentos para a Rússia, o banco continua ativo e com perspectivas positivas para o futuro. A 15ª Cúpula do BRICS em Joanesburgo reafirmou o compromisso do grupo em redefinir as dinâmicas globais e reafirmar sua influência no cenário internacional.

6 CONCLUSÃO

Ao final do ano de 2021, a Sociedade Internacional se estruturava para experimentar em 2022 um período de recuperação social, política e econômica em um contexto pós-pandemia da covid-19. No entanto, essa expectativa restou frustrada pelo fato de, em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia ter invadido o território da Ucrânia sob a justificativa de dissuasão à expansão da OTAN em seu entorno, iniciando um dos maiores conflitos armados dos últimos anos, amplamente condenado pela ONU²³. Diante disso, o mundo restou fragmentado entre países que se manifestaram a favor da Ucrânia (maioria), países que assumiram posição de neutralidade ou que se posicionaram a favor da Rússia (minoridade). A partir disso, diversas sanções econômicas se aplicaram sobre a Rússia como, além dos embargos relacionados às exportações de suas commodities mais representativas como o petróleo e gás, o seu bloqueio

²² Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/04/25/aprovado-us-1-bilhao-do-banco-do-brics-para-as-micro-e-as-pequenas-empresas>

²³ A Invasão foi amplamente condenada pela ONU, contando com 141 votos a favor da condenação em face de 5 votos contra e 35 abstenções.

no sistema “SWIFT” e a evasão de diversas empresas internacionais do país. Ademais, a Rússia também sofreu consequências internas como dificuldades para garantir insumos, peças e tecnologias essenciais de seus parceiros comerciais, acarretando uma escassez generalizada de suprimentos em sua economia doméstica. Além disso, sua produção doméstica decaiu pela dificuldade encontrada para substituir negócios, produtos e talentos perdidos, e foi, então, impactada por uma queda na produção e inovação, o que levou à alta dos preços e à angústia do consumidor.

Diante disso, vários países sofreram as consequências diretas ou indiretas em razão dos entraves comerciais decorrentes das sanções, sobretudo, em razão da crise energética em função da dependência europeia de energia proveniente da Rússia. Exemplo disso foi a inflação generalizada em relação aos membros do G20 (média de 13,78%) com destaque às inflações de países como a Argentina (92,4%), Turquia (84,39%), Alemanha (10%), EUA (7,1%), Reino Unido (10,7%) e Zona do Euro (10,1%). Números que revelaram a maior alta de preços em mais de 70 anos em relação à Alemanha e 40 anos em relação aos EUA. Contudo, dados de julho a agosto de 2023 mostram uma desaceleração da inflação em muitos desses países, sinalizando adaptação e resiliência econômica global, embora a situação esteja ainda muito aquém do *status quo* anterior, sobretudo no que diz respeito ao risco de insuficiência alimentar em muitos países africanos que dependem das exportações de grãos dos países envolvidos na guerra. A Turquia, por exemplo, apresentou uma queda significativa, passando de 84,39% para 59,94%, enquanto países como Alemanha, EUA, Reino Unido e a Zona do Euro mostraram uma recuperação importante, com taxas de inflação reduzidas para 6,1%, 3,7%, 6,8% e 5,3%, respectivamente.

Diante da crise instaurada, a Rússia necessitou explorar outros mercados com o intuito de mitigar as consequências dela decorrentes, intensificando suas relações comerciais com os países que já transitavam por sua zona de influência, especialmente no Continente Asiático. Sobre isso, observou-se intensificação do comércio entre a Rússia e a Índia, membros do BRICS. O País se tornou um dos maiores compradores de petróleo russo, aumentando suas importações de 2% para 20% em 2023, superando a China. Esse crescimento reduz o impacto das sanções ocidentais na Rússia e questiona sua eficácia em isolar o país globalmente. Inclusive, críticos apontam que o petróleo russo adquirido pela Índia é comercializado, contraditoriamente, com os países ocidentais sancionadores, comprometendo a própria razão da sanção; comércio motivado pela complexidade dos desafios decorrentes situação atual. Isso destaca as limitações das sanções frente a necessidades econômicas que ultrapassam fronteiras geopolíticas.

Nesse contexto, este artigo se propôs a avaliar a influência desses acontecimentos sobre o BRICS (grupo informal composto pelo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), considerando as janelas de oportunidades que se abriram para o grupo, tendo em vista que a aproximação da Rússia com os países asiáticos aponta a uma maior aproximação da Índia e China. Com isso, observou-se que esta aproximação é parte da estratégia russa de estabelecer uma "Nova Ordem Mundial", que busca relações internacionais menos dependentes da influência dos EUA ou do "Ocidente" e dá ênfase a países "emergentes". Dada a pressão do Ocidente sobre a Rússia em função da guerra e também sobre o Irã, por exemplo, a esses países o BRICS se vale como um refúgio estratégico. O BRICS é visto como um ambiente favorável para essa nova ordem e ajuda a atenuar os impactos das sanções sobre a Rússia. Embora o BRICS não se posicione como opositor do G7 ou G20, as críticas de seus líderes a instituições como o Conselho de Segurança da ONU e o Tribunal Penal Internacional reforçam esse papel de apoio, ainda que indireto, à Rússia. Um exemplo disso foi, apesar de posterior retratação, a declaração do Presidente do Brasil sobre a não prisão de Putin, caso ele viesse ao Brasil, em 2024, para a cúpula do G20.

O BRICS se evidenciava como um grupo de destaque na economia mundial. Segundo o IPEA (2014), **entre 2003 e 2007, o crescimento dos quatro países iniciais do grupo representou 65% da expansão do PIB mundial**, de modo que, em 2014, em paridade de poder de compra, o bloco superou o PIB dos EUA ou o da União Europeia. Em números referentes a dezembro de 2021, o Banco Mundial apontou o PIB do BRICS no valor de US\$ 24,7 tri; equivalente a **25% do PIB mundial**. Além disso, o BRICS correspondia, em 2015, a **26% do território** e a mais de **40% da população mundial**, além de seus integrantes serem detentores de reservas de diferentes recursos naturais estratégicos e exercerem papéis importantes de protagonismo em suas regiões, incentivando integrações e cooperações com os vizinhos. (DAMICO, 2015). Atualmente, esses números tendem a aumentar, uma vez que, em 2023, o grupo se expandiu (situação que será abordada mais adiante). De acordo com o Governo Federal do Brasil²⁴, estima-se que, com a expansão, a ser efetivada a partir de janeiro de 2024, o BRICS passará a representar cerca de **46% da população mundial e quase 36% do PIB global**.

Além disso, o grupo também se destaca pelos seus projetos de desenvolvimento. Além de outros projetos envolvendo os demais integrantes, o Novo Banco de Desenvolvimento (Banco do BRICS), por exemplo, somente em 2022 e 2023, direcionou milhões de dólares a serem aplicados no Brasil em projetos de infraestrutura, água e saneamento, habitação social,

²⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/08/em-declaracao-conjunta-lideres-do-brics-anunciam-a-entrada-de-seis-novos-paises>

transportes, turismo, energia renovável etc. Somente em relação ao Brasil, em 2023, foi negociado um acesso de crédito de até US\$ 1 bilhão²⁵. Em razão disso, observando o engajamento do grupo e as prospecções positivas, outros países emergentes como Argentina, México, Irã, Nigéria, Arábia Saudita, Egito e Turquia manifestaram interesse de adesão ao BRICS até 2022, e alguns foram contemplados, ou seja, esta é a grande novidade de 2023 com efeitos a partir de 2024: o anúncio da inclusão de seis novos países - Arábia Saudita, Argentina, Egito, Etiópia, Irã e Emirados Árabes Unidos, efetivando o BRICS Plus.

Dessa forma, o diálogo e a cooperação entre o BRICS e outros mercados emergentes e países em desenvolvimento são fortalecidos, promovendo relações de parceria mais abrangentes. Isso incentiva o desenvolvimento mútuo e a prosperidade em escopos mais extensos. No entanto, conforme observado por Daldegan (2023), a expansão do BRICS apresenta desafios significativos, dada a complexidade de integrar nações com características tão variadas. Inclusive, sobre a decisão de adesão de novos membros, as negociações foram intensas, uma vez que a China, contrapondo-se a Índia e Brasil, defendia aberturas ainda mais extensas. Com isso, ainda que a expansão fortaleça a posição do BRICS internacionalmente, surgem dúvidas quanto à sua unidade e formalização.

A inclusão de nações como Arábia Saudita e Irã, com contextos distintos, introduz uma nova camada de influência ao grupo, particularmente em relação à disputa por recursos energéticos, que é um fator crítico no mundo inteiro, sobretudo em razão do que já se mencionou sobre a Guerra e a força geopolítica energética atribuída à Rússia.

Apesar desses obstáculos, a expansão demonstra um desejo mútuo de organizar o Sul Global e priorizar agendas relevantes para os países em desenvolvimento. Contudo, o destino do BRICS e sua habilidade de converter sua influência política em ações tangíveis ainda são temas de debate e interesse para especialistas e acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ABDE. Desenvolve SP capta US\$ 90 milhões com Banco dos BRICS para financiar infraestrutura sustentável. **ABDE**, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://abde.org.br/desenvolve-sp-capta-us-90-milhoes-com-banco-dos-brics-para-financiar-infraestrutura-sustentavel/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

BALDEZ, Lucas. Lula deve valorizar multilateralismo com BRICS e ajudar a aparar ‘arestas’, dizem analistas. **Sputnik Brasil**, 1 nov. 2022. Disponível em: <https://sputniknewsbrasil.com.br/20221101/lula-deve-valorizar-multilateralismo-com-brics-e-ajudar-a-aparar-arestas-dizem-analistas-25701136.html>. Acesso em: 17 jan. 2023.

²⁵ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/04/25/aprovado-us-1-bilhao-do-banco-dos-brics-para-as-micro-e-as-pequenas-empresas>

BANCO MUNDIAL. Perspectivas Econômicas Globais. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/publication/global-economic-prospects>. Acesso em: 18 dez. 2022.

BAUMANN, Renato *et al.* **BRICS: estudos e documentos**. Brasília-DF: FUNAG, 2015.

BBC NEWS BRASIL. **Como China, Índia, Turquia, Brasil e outros países reagiram à invasão russa**. Londres, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60581438>. Acesso em: 18 dez. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Em discurso no BRICS, Lula defende solução para guerra na Ucrânia e cobra modernização de instituições multilaterais**. Brasília, DF, 23 ago. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/08/em-discurso-no-brics-lula-defende-solucao-para-guerra-na-ucrania-e-cobra-modernizacao-de-instituicoes-multilaterais>. Acesso em: 17 set. 2023.

BRASIL. Planalto. **Para Amorim, amplo interesse na reunião do BRICS é sinal de “afirmação global” do bloco**. Brasília, DF, 22 ago. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/08/para-amorim-amplo-interesse-na-reuniao-do-brics-e-sinal-de-201cafirmacao-global201d-do-bloco>. Acesso em: 17 set. 2023.

BRASIL. Senado. **Aprovado US\$ 1 bi do banco do BRICs para pequenas e microempresas**. Brasília, DF, 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/04/25/aprovado-us-1-bilhao-do-banco-do-brics-para-as-micro-e-as-pequenas-empresas>. Acesso em: 18 set. 2023.

BRICS. **Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul: BRICS**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/bric.htm>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BRICS INFORMATION PORTAL. **History of BRICS**. 2022. Disponível em: <http://infobrics.org/page/history-of-brics/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

CNN PORTUGAL. **Bolsonaro, Xi Jinping, Maduro... Qual é a posição dos países-chave sobre a guerra da Ucrânia?** Portugal, 27 mar. 2022. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/russia/china/bolsonaro-xi-jinping-maduro-qual-e-a-posicao-dos-paises-chave-sobre-a-guerra-da-ucrania/20220327/6228b87a0cf2c7ea0f1e32e7>. Acesso em: 18 dez. 2022.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **Linha do tempo: Resposta da UE à invasão da Ucrânia**. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/eu-response-ukraine-invasion/timeline-eu-response-ukraine-invasion/>. Acesso em: 17 set. 2023.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **Guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia: UE adota 11º pacote de sanções econômicas e individuais**. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2023/06/23/russia-s-war-of-aggression-against-ukraine-eu-adopts-11th-package-of-economic-and-individual-sanctions/>. Acesso em: 17 set. 2023.

DAMICO, Flávio. Antecedentes: do Acrônimo de Mercado à Concertação Político-Diplomática. In: BAUMANN, Renato. **BRICS: estudos e documentos**. Brasília, DF: FUNAG, 2015. p. 55-78.

DALDEGAN, William. Opinion: The Expansion of BRICS: Challenges and Uncertainties. *E-International Relations*, [S.l.], 29 ago. 2023. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2023/08/29/opinion-the-expansion-of-brics-challenges-and-uncertainties/>. Acesso em: 18 set. 2023.

DEUTSCHE WELLE. **Alemanha tem maior inflação em mais de 70 anos**. 29 set. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-tem-maior-infla%C3%A7%C3%A3o-em-mais-de-70-anos/a-63287028>. Acesso em: 20 dez. 2022.

DEUTSCHE WELLE BRASIL. **Inflação nos EUA tem a maior alta em 40 anos**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/infla%C3%A7%C3%A3o-nos-eua-tem-a-maior-alta-em-40-anos/a-62461186>. Acesso em: 20 dez. 2022.

FERRARO, V. The War in Ukraine: An analysis of the conflict and its impacts on Russian and Ukrainian societies. **SciELO Preprints**, 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4948. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4948>. Acesso em: 1 dec. 2022.

GEBRICS. **Novo Banco de Desenvolvimento aprova projetos de infraestrutura sustentável no Brasil**. São Paulo: Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://sites.usp.br/gebrics/novo-banco-de-desenvolvimento-aprova-projetos-de-infraestrutura-sustentavel-no-brasil/>. Acesso em: 18 set. 2023.

GENERAL ASSEMBLY OF UNITED NATIONS. Aggression against Ukraine : resolution / adopted by the General Assembly. **Resolution A/RES/ES-11/1**. New York, NY, USA, 03 mar. 2022. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3965290?ln=en>. Acesso em: 11 dez. 2022.

GOURINCHAS, Pierre-Olivier. O crescimento econômico mundial desacelera em meio a perspectivas sombrias e mais incertas. **Fundo Monetário Internacional**, 26 jul. 2022. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2022/07/26/blog-weo-update-july-2022>. Acesso em: 19 dez. 2022.

IPEA. **Conheça os BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/forumbrics/pt-BR/conheca-os-brics.html>. Acesso em: 16 dez. 2022.

LUKIN, Alexander; FAN, Xuesong. What is BRICS for China? **Strategic Analysis**, [S. l.], v. 43, n. 6, p. 620-631, 2019. DOI: 10.1080/09700161.2019.1669896.

MELLO, Michele de. "Brics são motor do crescimento econômico mundial", diz encarregado de negócios da China: Um dos principais diplomatas da embaixada chinesa no Brasil, Jin Hongjun defende ampliação do bloco e multipolaridade. **Brasil de Fato**, São Paulo, p. 1, 28 jun. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/28/brics-sao-motor-do-crescimento-economico-mundial-diz-encarregado-de-negocios-da-china>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MENON, Shruti. Ukraine crisis: Who is buying Russian oil and gas? **BBC News**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-india-60783874>. Acesso em: 17 set. 2023.

O'NEILL, Jim. Building Better Global Economic BRICs. **Goldman Sachs**, nov. 2001. Disponível em: <https://www.goldmansachs.com/insights/archive/building-better.html>. Acesso em: 4 dez. 2022.

RUSSIAN FEDERATION. Bank of Rússia. **International Reserves of the Russian Federation**. Moscow, 2022. Acesso em: 18 dez. 2022.

SANTOS, Ester Pereira dos; ANDAKU, Evandro. Artigo de opinião: Argentina e Irã nos BRICS. **Gebrics USP**, 16 ago. 2022. Disponível em: <https://sites.usp.br/gebrics/artigo-de-opinio-argentina-e-ira-nos-brics/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SCARDOELLI, A. **Brics**: Arábia Saudita, Egito e Turquia planejam aderir ao bloco. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/noticias/internacional/brics-arabia-saudita-egito-e-turquia-planejam-aderir-ao-bloco/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SECURITY COUNCIL OF UNITED NATIONS. Draft resolution / Albania and United States of America: Draft resolution [on convening an emergency special session of the General Assembly on Ukraine]. **Resolution S/RES/2623(2022)**. New York, NY, USA, 27 fev. 2022. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3958808?ln=en>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SIMMONS, G. **BDMG fará captação recorde para projetos alinhados aos ODS da ONU**. Disponível em: <https://diariodocomercio.com.br/economia/bdmg-fara-captacao-recorde-para-projetos-alinhados-aos-ods-da-onu/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SOKOLOWSKI, Franek; SONNENFELD, Jeffrey; KASPROWICZ, Mateusz; WYREBKOWSKI, Michal; TIAN, Steven. **Business retreats and sanctions are crippling the russian economy: Measures of Current Economic Activity and Economic Outlook Point to Devastating Impact on Russia**. Yale School of Management, 19 jul. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4167193>. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=4167193. Acesso em: 9 jan. 2023.

TRADING ECONOMICS, Trading. **GDP - World**. New York, NY, USA, 2022. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/country-list/gdp?continent=world>. Acesso em: 19 dez. 2022.

UNRIC. Centro Regional de Informação das Nações Unidas para a Europa. **A ONU e a guerra na Ucrânia**, Genebra, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://unric.org/pt/a-onu-e-a-guerra-na-ucrania/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

VAZQUEZ, Karin Costa. Expansion of BRICS to boost China's influence? Here's what expert says. [Entrevista concedida a] Huma Siddiqui. **Financial Express**, June 13, 2022. Disponível em: <https://www.financialexpress.com/defence/expansion-of-brics-to-boost-chinas-influence-heres-what-expert-says/2558910/>. Acesso em: 18 dez. 2022.